

VARIAÇÃO GEO-SOCIOLINGUISTICA DA NASAL PALATAL NO FALAR PARAENSE

Eliane Pereira Machado SOARES
(Universidade Federal do Pará)

RESUMO: Neste trabalho, realizamos uma pesquisa sobre as variantes das consoantes palatais lateral e nasal, em seis cidades do Estado do Pará, a saber, Altamira, Belém, Bragança, Marabá, Soure, Santarém, cada uma delas localizada em uma mesorregião do estado. O corpus é constituído de fala espontânea, obtida em forma de narrativa de experiência pessoal junto a 24 informantes nascidos nessas cidades, totalizando 144 informantes, selecionados de acordo com os pressupostos teóricos da Sociolinguística Quantitativa. O tratamento dos dados leva em conta, além das variáveis sociais, variáveis lingüísticas consideradas condicionantes do fenômeno de variação em estudo, cuja análise estatística é feita pelo uso do pacote de programas VARBRUL (98), em rodadas ternárias, conforme a quantidade de variantes identificadas para cada variável lingüística.

PALAVRAS-CHAVE: Nasal palatal; Sociolinguística; Variação lingüística.

ABSTRACT: In this work, we examine the variations of the lateral and nasal palatal consonants in Portuguese spoken in six cities of Pará, as follows: Altamira, Belém, Bragança, Marabá, Soure, and Santarém, all of which located in a mesoregion of the state. The corpus of the research is constituted of spontaneous speech, obtained from narratives of personal experiences, recorded by 24 informants born in each of these cities. Overall, data from 144 informants were collected, following the theoretical framework of Quantitative Sociolinguistic. The analysis takes into account, besides the social variables, linguistic variables considered as conditioning of the variation phenomenon under consideration; a statistic analysis is done using the package program VARBRUL (98) in ternary rounds, according to the amount of identified variants for each linguistic variation.

KEYWORDS: Nasal palatal; sociolinguistics; linguistic variations.

1 AS CONSOANTES PALATAIS NO ÂMBITO DOS ESTUDOS VARIACIONISTAS

A emergência de atlas lingüísticos nas diversas regiões do país, seja como projetos coletivos ou individuais, tem-se dado mais sistematicamente nos últimos anos. Isto corresponde ao desejo de se cobrirem os mais diferentes fenômenos de variação a que está sujeita a língua portuguesa, que, sabe-se, são condicionados tanto por fatores de ordem lingüística quanto por fatores de ordem social e geográfica, o que é bastante justificável dada a imensidão territorial de nosso país e as diferenças sociais resultantes de aspectos políticos e econômicos.

Diante disto, os estudos sobre os aspectos lingüísticos dos falares regionais, como o que estamos propondo, poderão dar uma contribuição relevante para o avanço da pesquisa lingüística no Brasil ao se somarem a outros já feitos, e em andamento, sobre a ampla gama de variação fonética, morfossintática e semântico-lexical presente no português brasileiro.

De modo particular, nosso trabalho insere-se na proposta de pesquisa do Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado do Pará e, enquanto tal, pretende ser mais uma contribuição aos estudos sobre variação e mudança lingüísticas, consoante esforços semelhantes empreendidos por diversos pesquisadores dos aspectos sóciodialetais de nossa língua por todo o território nacional.

Em nossa pesquisa, temos como objeto de estudo o comportamento da nasal palatal. As realizações dessa mesma consoante foi anteriormente estudadas na dissertação de mestrado *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA*, por Soares (2002). A partir de um corpus coletado de 42 informantes da zona urbana daquela cidade, este estudo confirmou aquilo que a história desses fonemas no português brasileiro revela: a instabilidade a que estão sujeitos nos mais diversos falares, como se pode constatar em diferentes estudos já realizados em nosso território, como os de Aragão (1997) no falar paraibano, dentre outros.

Nesses outros estudos, em sua maior parte sobre a nasal palatal, verifica-se que essas consoantes além de manterem o traço fonético da palatalização também sofrem despalatalização, de forma que boa parte desses estudos demonstra que as variantes palatais como [ɲ] polarizam com a variante totalmente despalatalizada [j], sendo essas variações atribuídas tanto a diferenças diatráticas quanto diatópicas. Entretanto, ainda que sejam contribuições importantes, inclusive quanto à orientação que dão ao nosso trabalho, esses estudos restringem-se ao falar de uma mesma localidade e limitam-se a descrever e analisar a alternância entre a forma palatal [ɲ] e a forma semivocalizada [j], nasalizada ou não.

Partindo da hipótese de que as formas variantes se comportam de modo diferenciado de cidade para cidade, no âmbito do falar paraense, devido a condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos e que a variação vai além da oposição palatal x semivocalizada, nossa pesquisa utiliza o *corpus* constituído da fala urbana registrada pela equipe do Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado do Pará. As amostras foram obtidas por meio de narrativas de experiência pessoal, em nosso trabalho, restritas a 06 cidades, consideradas importantes centros políticos e econômicos da mesorregião na qual se localizam.

Com nosso estudo, pretendemos contribuir para uma visão mais ampla da descrição das formas variantes, principalmente, se pudermos constatar que, na fala paraense, tendo em vista fatores sociais e regionais, há a tendência maior à manutenção das variantes palatais em todos os estratos sociais em algumas cidades enquanto em outras há a tendência às formas alternantes despalatalizadas suscetíveis à influência de fatores sociais. Mais ainda, poderemos verificar se, apesar de essas consoantes partilharem semelhanças no sistema fonológico da língua portuguesa, em termos de produtividade, combinação e distribuição, os fatores sociais desempenham maior influência para a realização de variantes fonéticas da lateral palatal do que para as da nasal palatal na fala de cada cidade.

Neste artigo em particular apresentamos resultados e a análise sobre a variação da nasal palatal. Estudos sobre a nasal palatal ainda são poucos e a os já realizados apontam para a predominância de forma semivocalizada [j], sendo essa considerada por alguns autores como norma em todo Brasil.

A nossa amostra em particular se compõe da fala urbana coletada por meio de narrativas de experiência pessoal em 6 cidades de cada uma das mesorregiões do Estado do Pará, obedecendo aos critérios de estratificação social de sexo, escolaridade, renda e faixa etária¹, com gravação com duração entre 40 e 60 minutos.

Para nossa análise, foram mantidas as variáveis sociais sexo, faixa etária, entretanto, para facilitar o trabalho com a composição de nossa amostra, retiramos da análise o fator renda², e foi feito ajustamento na variável escolaridade, sendo considerada apenas em dois níveis: um que inclui informantes sem escolaridade e informantes com até o equivalente à antiga 8ª série do nível fundamental e outro que inclui informantes com nível médio completo e terceiro grau completo ou incompleto. Foram analisados dados de fala coletada na área urbana de seis localidades, uma de cada uma das seis mesorregiões identificadas no *Atlas Lingüístico do Pará* da seguinte forma:

- a) Região do Baixo Amazonas: Santarém;
- b) Região do Marajó: Soure;
- c) Região Metropolitana de Belém: Belém;
- d) Região Nordeste Paraense: Bragança;
- e) Região Sudoeste Paraense: Altamira;
- f) Região Sudeste Paraense: Marabá.

¹ Ver quadros 12 e 13, que dão o demonstrativo da distribuição dos informantes (seção 2.5).

² A maior parte dos trabalhos revisados não estabelece esse parâmetro; por outro lado, não havia esse controle para todos os informantes.

2 A VARIAÇÃO DA NASAL PALATAL NO FALAR PARAENSE³

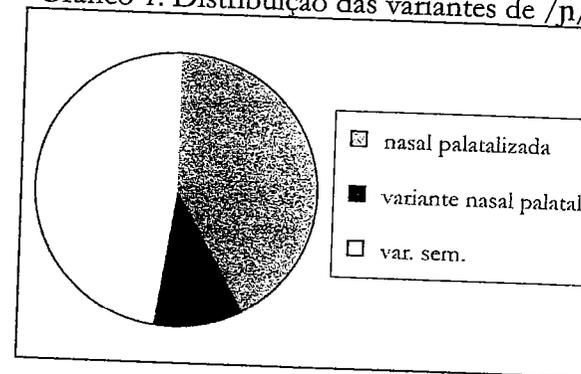
Em nosso trabalho, em particular, identificamos 05 variantes para a variável nasal palatal: **nasal palatal** [ɲ] [ka'ɾiɲus] 'carinhos'; **nasal palatalizada** [ɲ̃] ['vĩɲa] 'vinha'; **nasal alveolar/dental seguida de semivogal** [ɲj] [kõ'ɲjEsi] 'conheci'; **semivogal** [j] [mã'jã] 'manhã'; **zero fonético** [∅] [te]w 'tenho'; Por razões estatísticas, só foram analisadas **nasal palatalizada** [ɲ̃]; **nasal palatal** [ɲ]; **semivogal (nasalizada)** [j], totalizando 4.958 ocorrências, como descrito no quadro abaixo:

Quadro 01: Total de variantes de /ɲ/

Variante	[ɲ̃]	[ɲ]	[j]	Total
Total	2.100	472	2.836	4.958
Frequência	42/%	10/%	48/%	100
input	.399	.108	.493	-

O gráfico 1 mostra a variante semivocalizada em competição com a variante nasal palatalizada.

Gráfico 1: Distribuição das variantes de /ɲ/



³ Nesta análise faremos a discussão a partir do traço palatal, tendo em vista que nesse falar registramos variantes que apresentam a manutenção total (formas palatais) e manutenção parcial (formas palatalizadas); perda total do traço palatal (formas despalatalizadas). Assim tem-se: no primeiro caso [ɲ]; no segundo caso, [ɲ̃], no terceiro caso, [j], aqui indicada sem nasalização.

Nas páginas seguintes relacionamos as ocorrências lingüísticas aos parâmetros lingüísticos e sociais.

2.1 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SOCIAIS

2.1.1 Sexo

A tabela 1 apresenta muito claramente a polarização na fala de mulheres e homens quanto ao uso das variantes: elas preferem a variante [ɲ], com pesos (.362), e eles, a variante [j], com pesos idênticos. Já a variante [n] tem pesos neutros tanto para homens quanto mulheres.

Essa forte polarização chama a atenção, especialmente pela inibição da variante semivocalizada na fala da mulher, como se constata a seguir.

Tabela 1: Sexo

	[n]		[ɲ]		[j]	
	N/%	p.r.	N/%	p.r.	N/%	p.r.
Fem.	1124/42	.333	273/10	.362	1262/47	.305
Masc.	976/42	.332	199/9	.306	1124/49	.362
Total	2100/42	-	472/10	-	2836/48	-

A inibição de certos usos na fala feminina, e, contrariamente, a preferência desses mesmos usos entre homens têm demonstrado a suscetibilidade feminina às chamadas formas padrão da língua.

Tem-se atribuído a preferência das mulheres à pressão exercida pela sociedade que diferencia papéis masculino e feminino e impõe às mulheres um comportamento mais polido, mais educado incluindo-se nisto a linguagem. Isso pode ser observado de modo mais amplo na Análise da Conversação, pois, segundo Tannen⁴ (1990) e Coulthard (1991 apud PAIVA, 2004, p. 35) “Enquanto os homens

⁴ TANNEN, D. *You Just don't understand: women and men in conversation*. New York: W. Morrow, 1990.

tendem a manifestar um estilo mais independente e uma postura que garanta seu prestígio, as mulheres orientam sua conversação de forma mais solidária, que busca o envolvimento do interlocutor”.

Isso explicaria, por exemplo, por que as mulheres tendem a evitar palavras de baixo calão ou gírias, o que significa “uma maior consciência feminina do status social das formas lingüísticas” (PAIVA, 2004, p. 35).

Também por isso, a mulher se mostra mais receptiva, mais sensível à normatização lingüística promovida pela escola, sendo mais dependente neste aspecto. O conservadorismo feminino quanto aos usos da língua está diretamente relacionado com o prestígio a eles associado, de maneira que uma forma inovadora aparece implementada na fala feminina conforme o valor social que lhe é atribuído.

Por outro lado, os estudos de Milroy e Trudgill (1991), também mencionados pela mesma autora, vieram a demonstrar que a fala feminina se relaciona com os tipos de contatos mantidos no grupo social, de forma que quanto maior sua inserção na comunidade mais sua fala se identificará com a masculina, uma vez que essa compartilha semelhanças com a fala da comunidade local, é o que se chama de *prestígio encoberto*, típica da fala masculina, podendo ser esta bem afastada da fala padrão.

Trudgill (1991, p. 78), comentando resultados de diversos estudos variacionistas, faz a seguinte afirmação:

“Todos os pesquisadores chegaram à conclusão de que, mesmo levando em conta outras variáveis [...] as mulheres produzem de modo consistente formas lingüísticas mais próximas da linguagem padrão (norma padrão) ou mais prestigiosa que as dos homens, ou então que elas produzem com mais frequência formas desse tipo.

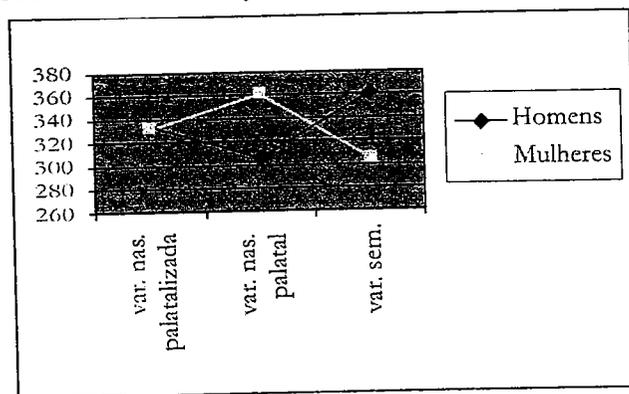
O que se observa é que a fala feminina poderá ser marcada ora pelo maior conservadorismo ora pela inovação, dependendo de suas relações sociais e das formas consideradas mais prestigiadas pelo grupo com o qual a mulher sente maior identificação.

Sobre o comportamento lingüístico cuidadoso da mulher, o próprio Labov (2001, p.266) faz a seguinte afirmação “Quanto às variantes lingüísticas estáveis, as mulheres apresentam uma taxa mais baixa de variantes estigmatizadas e uma taxa mais elevada de variantes de prestígio do que os homens.”⁵ Levando em conta todas essas considerações, podemos atribuir à variante [ɲ] um maior prestígio, por estar relacionado ao uso considerado padrão, em oposição a [j].

Dentre os trabalhos analisados, o de Soares (2002), para Marabá (PA), fornece dados quanto aos usos da nasal palatal relacionando a preferência de variantes com traço palatal à fala feminina e a sua ausência à fala masculina.

Vejamos no gráfico seguinte como a variação se distribui entre homens e mulheres na amostra aqui enfocada:

Gráfico 2: Distribuição das variantes de // por sexo



A representação gráfica mostra que homens e mulheres se assemelham quanto ao uso de [nʲ], em seguida se afastam de modo considerável quanto à preferência de [ɲ], em escala crescente para mulheres e decrescente para homens, e, inversamente, para [j]

⁵ “For stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men.”

crescente para homens e decrescente para mulheres. Em resumo: a semivocalização é inibida na fala feminina e implementada na fala masculina. Noutras palavras, as mulheres atuam para a conservação do traço palatal, e os homens não, o que parece algo relevante para a análise em questão.

Realmente, a relevância desse grupo foi atestada em duas rodadas binárias, mas não dentre os primeiros mais significativos à variação.

2.1.2 Faixa Etária

Como dissemos anteriormente para este mesmo grupo de fatores, em sociolingüística se aceita como fato que os falantes de uma língua adquirem a língua na primeira fase de suas vidas, sofrendo poucas modificações depois disto. Conseqüentemente, um estudo que queira identificar formas em variação ou em mudança poderá fazê-lo a partir da comparação entre a fala de indivíduos de gerações diferentes.

A partir dessa comparação diz-se que a variação é estável – se as variantes identificadas com as formas conservadoras ocorrem com freqüência na fala dos mais jovens – ou, ao contrário, levanta-se a hipótese de mudança em progresso – se a maior ocorrência de uma dada variante conservadora se mantém na fala dos mais velhos. Tais aspectos então podem ser observados a partir dos dados da tabela 2.

Tabela 2: Faixa etária

	[nʲ]		[ɲ]		[j]	
	N/%	p.r.	N/%	p.r.	N/%	p.r.
15-25	579/39	.295	161/11	.356	852/49	.348
26-25	776/45	.358	154/9	.308	798/46	.334
+46	745/42	.349	157/9	.336	736/50	.316
Total	2100/42	-	472/10		2836/48	-

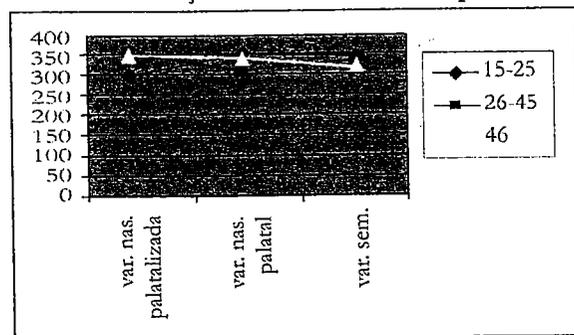
Vemos que a faixa etária dos mais jovens implementa o uso tanto da variante palatal [ɲ] (.356) quanto da semivocalizada [j] (.348). Isto indica que as duas tendências rivalizam-se, podendo gozar do mesmo prestígio no falar em estudo. Tais resultados contrariam aqueles obtidos em outros estudos.

A pesquisa de Aragão (1997) no ALPB registra a tendência para a semivocalização entre os falantes à medida que aumenta a faixa etária, portanto quanto mais alta, maior os percentuais de uso, que atinge o seu máximo a partir dos 70 anos.

Silva e Moreira (1997) também apontam índices com as mesmas características para o APERJ, a tendência a [j] é predominante entre os mais velhos tanto da região litorânea quanto interiorana. Soares (2002) também identifica tal tendência entre falantes mais velhos no falar de Marabá (Pa).

Os resultados obtidos em nossa amostra e registrados na tabela 2 nos surpreendem num aspecto: atribuíamos à variante [j] a preferência entre os jovens, dada sua alta frequência na amostra e, empiricamente, observarmos a sua distribuição regular em todos os falantes, pelo menos na região sudeste do Pará. Isso de fato se confirma, porém, constata-se aqui também esta surpreendente preferência por [ɲ], o que demonstra a vitalidade da variante palatal, bem como a estabilidade da variação, também conservada na fala da faixa etária mais alta. Notemos como isso se acha representado abaixo:

Gráfico 3: Distribuição das variantes de // por faixa etária



Vemos que, na amostra aqui estudada, as faixas etárias apresentam um comportamento muito próximo, do seguinte modo: a faixa etária mais alta demonstra o conservadorismo ao preferir o uso de [ɲ] a [j], mas admitindo a inovação em favor de [ɲ] (.349). Por sua vez, a segunda faixa etária se comporta de modo intermediário: de um lado, tende ao maior uso de [ɲ] (.358) e, de outro, atua de forma levemente favorável em relação a [j] (.334), assim se aproximando tanto da fala dos mais jovens quanto dos mais velhos. Os mais jovens se distanciam das demais faixas em relação ao uso de [ɲ]. Com isso, podemos concluir pela estabilidade da variação.

Em termos de significância, este grupo foi selecionado por duas vezes em três rodadas binárias.

2.1.3 Anos de escolaridade

O peso da escolarização se faz sentir na proporção em que maior escolarização significa maior rejeição às formas não-padrão e, inversamente, menos escolarização maior aceitação dessas formas⁶: “nos fenômenos de mudanças constata-se que os falantes de maior escolarização tendem a privilegiar mudanças que implementam uma forma socialmente aceita e desfavorecem mudanças que se opõem ao padrão.” (SILVA; SCHERRE, 1996, p. 343).

Ao que se constata, a escola atua como reguladora de usos, tanto no sentido da implementação quanto no da conservação das formas linguísticas, tanto é assim que para Votre (2003) não há mudança linguística se para isto não houver a atuação favorável e definitiva da escola.

Podemos então dizer que, de um modo geral, a escola favorece o uso das formas prestigiadas socialmente, consagradas pelo uso de certo grupo social e/ou de uma região, incluindo aqueles usos codificados pela gramática.

⁶ Isso pode ser constatado tanto nos casos de variação estável quanto de mudança linguística.

A tabela 3 registra resultados que apontam para a importância dessa variável social para o condicionamento da variação aqui enfocada:

Tabela 3: Anos de escolaridade

	[nʲ]		[ɲ]		[j]	
	N/%	p.r.	N/%	p.r.	N/%	p.r.
0-8 anos	1119/47	.294	238/10	.319	1038/43	.387
+8 anos	981/38	.373	234/9	.344	1348/53	.283
Total	2100/42	-	472/10	-	2836/48	-

Vemos que a maior escolaridade dos falantes leva-os a preferirem as variantes com o traço palatal, isto é, [nʲ], com pesos (.373), e [ɲ], com (.344), ao passo que a menor escolaridade os faz tenderem ao maior uso de [j] (.387).

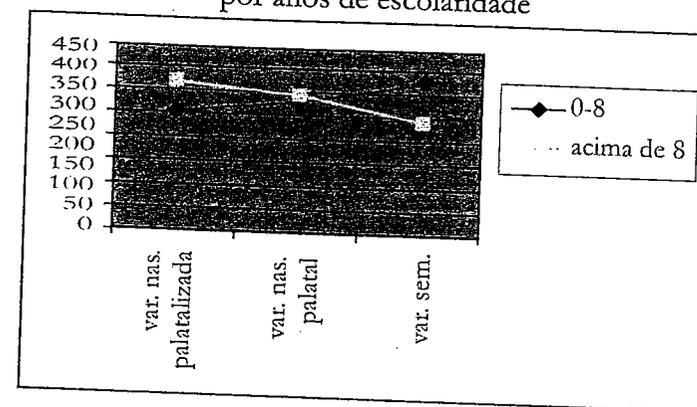
Tendo em conta o papel regulador da escola quanto aos usos lingüísticos, podemos associar as variantes com o traço palatal às formas prestigiadas pela escola, ao contrário da variante semivocalizada.

É o que também podemos concluir a partir de alguns trabalhos sobre nasal palatal: a semivocalização associada à baixa escolaridade foi constatada por Aragão (1997) no ALPB, no qual é mais frequente entre indivíduos analfabetos e falantes com primário incompleto e completo, nessa gradação.

De igual modo, Silva e Moreira (1997), a partir de dados do APERJ, atestaram a semivocalização na fala de informantes masculinos semi-alfabetizados e analfabetos; assim como Soares (2002) que registra a preferência por essa variante na fala de indivíduos não escolarizados e com pouca escolaridade de Marabá (Pa).

Vemos no gráfico abaixo a representação das tendências em nossa amostra.

Gráfico 4: Distribuição das variantes de // por anos de escolaridade



A configuração gráfica da variação mostra que as preferências de usos se distanciam inicialmente para [nʲ], há leve sobreposição de maior escolaridade em relação a [ɲ] e novamente se distanciam quanto a [j]. O que se conclui pela escala dada é que o traço palatal se garante pela maior escolaridade dos falantes, porém os de menor escolaridade são sensíveis a sua manutenção, o que é demonstrado pela variante palatalizada.

A importância deste fator foi confirmada pela realização de duas rodadas binárias, pelas quais este grupo foi selecionado.

2.1.4 Origem geográfica

Como os resultados da tabela 4 nos mostram, o traço palatal se mantém preferencialmente na fala da capital, mas, também, na fala das cidades com histórico semelhante. Por outro lado não é uso preferencial nas regiões com histórico de colonização e migração diferente dessas cidades.

Tabela 4: Origem geográfica

	[nʲ]		[ɲ]		[j]	
	N/%	p.r.	N/%	p.r.	N/%	p.r.
Belém	529/64	.559	77/9	.287	222/27	.154
Bragança	368/46	.382	84/11	.342	341/43	.276
Soure	680/54	.453	121/10	.306	462/37	.241
Santarém	284/57	.337	118/24	.575	94/19	.087
Marabá	149/16	.129	26/3	.102	785/82	.769
Altamira	90/15	.105	46/7	.252	482/78	.643
Total	2100/42	-	472/10	-	2836/48	

Os pesos registrados na tabela 24 indicam que, na fala de Belém, a variante preferida é [nʲ] (.559), e, embora sem resultados favoráveis, a variante [ɲ] tem índices acima de [j], indicando, comparativamente, sua maior tendência de uso.

A cidade de Soure tem comportamento semelhante a Belém, com pesos (.453) para [nʲ]. Já Bragança e Santarém assemelham-se a essas duas cidades e entre si, até certo ponto: ambas dão preferência às duas variantes com traço palatal, porém, na primeira, a variante [nʲ] tem pesos mais altos (.382) do que [ɲ] (.342), enquanto a segunda tem pesos mais altos para [ɲ] (.575) e para [nʲ] (.337). Em todas essas cidades não há tendência favorável à semivocalização, ao contrário de Marabá e Altamira, respectivamente com pesos (.769) e (.643) favoráveis à variante [j].

Os estudos de Brandão para os usos de /ɲ/ nos Atlas lingüísticos ALPB, AFPB, ALSE, EALMG atestam a semivocalização da nasal palatal nos falares baianos e nordestinos, de modo predominante.

Como já comentado na reflexão sobre a outra variável fonológica, a origem dos informantes é de grande importância para entendermos as tendências de uso encontradas em nossa amostra. Para isso, vamos reconsiderar aqui, um pouco mais,

aspectos históricos e socioeconômicos relacionados ao sul e sudeste Paraense, considerados *regiões de fronteira* no estado do Pará, devido ao processo de colonização e desenvolvimento que se caracterizam por grande movimento migratório, a partir da última década do século XIX e intensificado durante o século XX.

As diversas atividades econômicas⁷ favoreceram as migrações, movimentando indivíduos oriundos de diversas regiões, tanto ricas como pobres, especialmente nordestinos, que “lá ocupariam, geralmente, as funções de menos valor e prestígio social.” (PENALVA, 2002, p. 51), em busca de melhores condições de sobrevivência. Isso faz com que o sudeste do Pará, especialmente Marabá, tenha características peculiares, devido ser a região com histórico de maior fluxo migratório do estado. Como diz Penalva (2002, p.51):

O sudeste do Pará é considerado uma região pré-amazônica, porta ou entrada para a Amazônia brasileira. Um espaço que não faz parte do Nordeste brasileiro, nem da Amazônia propriamente dita, mas algo de intermediário, uma espécie de intersecção entre as duas coisas. As características dessas duas regiões convivem ali com outras resultantes dos cruzamentos e mesclagens culturais, configurando o conjunto cultural ocupante desse espaço intermediário.

De fato, as diferenças lingüísticas e culturais dessas regiões face às demais são bastante perceptíveis em diversos aspectos: socioeconômicos, culturais e lingüísticos. Algumas dessas características compartilhadas pela cidade de Altamira.

Em que pese essas similaridades, é interessante observar que Marabá avança mais fortemente em direção à semivocalização da nasal palatal, como indicam os pesos (.769), por comparação com Altamira (.643), que, por sua vez, apresenta tendência (ainda que não alcance índices de favorecimento) para a preservação da palatal (.252) mais alta do que Marabá (.102). Assim, podemos dizer

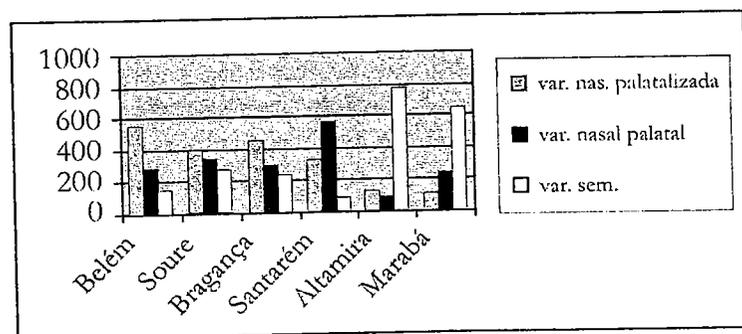
⁷ Como extração do caucho, coleta de castanha-do-pará, garimpagem, pecuária, extração de madeira.

que, em Marabá, a oposição se dá entre [j]- [nʲ] e Altamira entre [j]- [ɲ]. Noutras palavras, essa última cidade demonstra maior tendência à preservação do traço palatal.

Em relação ao uso específico dessas variáveis fonológicas, a manutenção do traço palatal⁸ é comumente associada à “fala dos paraenses”, identificada no senso comum com a fala de Belém, o que está de acordo com a seguinte afirmação de Lyons (1987, p. 249): “os membros de uma comunidade linguística reagem frequentemente a diferenças de pronúncias subfonêmicas e fonêmicas da mesma maneira, como indicadores da proveniência regional ou social do falante”. O que é amplamente confirmado na convivência entre falantes paraenses no que tange ao reconhecimento desse traço em particular, por exemplo, ao atribuir ao falante de Belém o “falar chiando” e pronúncias do tipo ‘galhinha’ por ‘galinha’.

De fato, em relação à variação da nasal palatal vemos constatada essa diferenciação de pronúncia, conforme os resultados registrados para as tendências de usos de cada cidade, como se observa no Gráfico 05:

Gráfico 5: Distribuição das variantes de /ɲ/ por cidade



⁸ Inclusive a palatalização de [j] diante de [i] é uma dessas características, como se pode constatar no estudo de Oliveira (2006), bem como o uso de [j] e [ʒ] como variante de /s/ em final de sílaba, como também constatado por Vieira (1983).

Vê-se claramente demonstrado que a semivocalização é altamente produtiva em Marabá e Altamira, mais nessa última, enquanto, nas demais cidades, prevalece a manutenção do traço palatal, mas, como se pode comparar, em escala mais baixa do que para aquela realização. Assim, em síntese, temos no falar do estado duas tendências concorrentes: uma de conservação das formas palatais e outra de implementação da forma não palatal, com certa vantagem para as palatais e palatalizadas por conta de serem de maior tendência em 3 cidades.

A importância do grupo foi atestada em rodadas binárias, pelas quais foi selecionado dentre os grupos mais significativos à variação.

COMENTÁRIOS FINAIS

A análise sociolinguística revela que a variação linguística resulta de fatores tanto de ordem linguística quanto social. Consideremos os fatores sociais. Os pesos relacionados ao fator sexo indicaram que falantes de sexo feminino dão preferência às realizações [ɲ], enquanto falantes do sexo masculino têm preferência pela variante [j].

Esses resultados apontam para o fato de que as formas palatal e palatalizada são as formas de maior prestígio entre as mulheres, sendo a variante [j] a realização de menor prestígio, como o comprova sua maior probabilidade de ocorrência entre os homens. A faixa etária apresentou os seguintes resultados: indivíduos entre 15-25 anos tendem ao uso de [j]; falantes da faixa de 26 a 45 anos dão preferência ao uso de [nʲ]; falantes com idade de 46 acima preferem as variantes [nʲ], [ɲ], isso aponta para a vitalidade de [j] em face das demais variantes. Os resultados para anos de escolaridade mostram que indivíduos com menor escolaridade (0-8), de fato, apontam para o maior uso de [j]. Enquanto aqueles com maior escolaridade (acima de 8 anos) tendem ao uso de [nʲ], [ɲ]. Com isso, constatamos que há significativa influência do tempo de exposição à escola sobre as preferências de variantes, demonstrando particularmente

que a escolarização atua no sentido da manutenção das formas palatal e palatalizada, enquanto que a variante [j] é a variante que sofre estigmatização. Por fim, tem-se, como último fator social considerado, a origem geográfica, que demarca bem os usos das variantes, em síntese temos as seguintes tendências de usos: Belém [nʲ]; Bragança [nʲ]-[ɲ]; Soure [nʲ]; Santarém [ɲ]-[nʲ]; Altamira [j]; Marabá [j]. Vemos aqui duas tendências que devem ser ponderadas a partir dos seguintes aspectos: em relação à nasal palatal (1) as cidades de Belém, Bragança, Soure e Santarém atuam em favor da manutenção das formas palatal e palatalizada e, inversamente, na inibição da forma semivocalizada; (2) As cidades de Marabá e Altamira atuam para a implementação de [j].

Esses resultados quanto à *origem*, colocados de modo amplo, permitem-nos dizer que (1) temos duas formas de realização das variantes: de um lado, formas palatal/palatalizada, representadas na fala de Belém, Bragança, Soure e Santarém, e, de outro, formas despalatalizadas, representadas na fala de Altamira e Marabá; (2) a aproximação geográfica entre as regiões onde se situam essas últimas e a história comum de dinâmica migratória podem explicar a preferência pela semivocalização. A partir dessas observações, é possível aventar também a hipótese de uma possível influência da colonização portuguesa em Belém, Bragança, Soure e Santarém, que se revelaria pela preferência pelas formas palatal/palatalizada. É algo a se pesquisar.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A Despalatalização e iotização no atlas lingüístico da Paraíba. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 1., *Atas ... Dialetologia e Sociolingüística*. Salvador: UFBA, 1997. (Dialetologia e Sociolingüística; v.2).
- COULTHARD, Malcom. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 1991.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

- OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. *A palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocalica no falar de Itaituba-Pa*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.
- PENALVA, Gilson. *Literatura oral do sudeste paraense: memória de velhos camponeses*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- SILVA, Flávia R. Santoro.; MOREIRA, Valéria Regina de O. O comportamento das palatais lateral e nasal na fala de comunidades pesqueiras fluminenses. *Jornada de Iniciação Científica da UFRJ*, 19., Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1997.
- SILVA, Giselle Machline de O., SCHERRE, Maria Marta P. (Org.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos varáveis na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- SOARES, Eliane Pereira Machado. *Variações dos fonemas palatais lateral e nasal no falar de Marabá-PA*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará. Belém, 2002.
- TANNEN, D. *You Just don't understand: women and men in conversation*. New York: W. Morrow, 1990.
- TRUDGILL, Peter. Sexo e prestígio lingüístico. In: AEBISCHER, V; FOREL, C. (Org.). *Falas masculinas, falas femininas? sexo e linguagem*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- VOTRE, Sebastião J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.